

JOSÉ HENRIQUE DE FARIA: UM MARXISTA CONVICTO NA ADMINISTRAÇÃO

Janaynna de Moura Ferraz¹

INTRODUÇÃO

É de amplo conhecimento dos pesquisadores e das pesquisadoras da área de Administração que há um campo de gente esquisita com ares de intelectual que compõem os estudos organizacionais (EO). Sabemos também, como era de se supor, que onde o *business* é dominante, o espaço destinado às reflexões que não visam diretamente a eficiência, a eficácia e a efetividade é exíguo, ainda que essas reflexões sejam necessárias, na medida em que esses estudos possibilitam acréscimos teóricos importantes para as empresas (ou organizações, se preferirem) pois as ajudam a lidar com as transformações sociais decorrentes do desenvolvimento das forças produtivas.

Nesse terreno das transformações sociais aparecem os enfrentamentos provenientes da relação contraditória essencial da sociabilidade hodierna, capital *versus* trabalho, é nesse espaço de conflito que, ocasionalmente, algum texto com conteúdo crítico radical encontra um pequeno recinto e se apresenta como se fosse um bode no meio da sala. E se esses textos hoje prosseguem na disputa das ideias na Administração, foi

¹ Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <http://lattes.cnpq.br/6047443183161152>. <https://orcid.org/0000-0003-3668-4195>. marcosmdrj@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Administrativas. AC Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Lagoa Nova, Natal, RN, Brasil. CEP: 59078-970. Telefone: (55 84) 32153466.

na década de 1970 que um marxista convicto chamado José Henrique de Faria (que se declara continuador da obra de Maurício Tragtenberg), com sua bravura e muita competência, se colocou como um teórico crítico que circula até mesmo entre os/as teóricos/as dos negócios.

São poucos os grupos de pesquisa marxistas no Brasil na Administração por isso, quase sempre, quando nos anunciamos administradores/as e também marxistas, a reação dos interlocutores é de espanto. E ainda que não haja acordo teórico possível dentro da abordagem marxista – dada à riqueza categorial e teórica da tradição – o horizonte da emancipação humana é o elemento basilar que une esses/as pesquisadores/as.

A luta de classes que se dá na reprodução da vida cotidiana também está presente na produção do conhecimento, objeto do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores. Há, portanto, um *continuum* entre dois lados opostos: um grupo que tenciona aspectos opressivos do capitalismo, no sentido de ajustá-lo, gerenciá-lo melhor e reduzir as desigualdades; mas há também, na outra ponta, os “radicais”, uma pequeníssima parte que se coloca como anticapitalista, por entender que apenas o fim da sociedade de classes pode propiciar uma vida emancipada (Ferraz & Ferraz, 2018), em uma perspectiva que pode ser marxiana (a partir do próprio Marx) ou marxista (de uma das diversas correntes derivadas e formuladas tomando alguns elementos do pensamento marxiano).

Essa diferença de horizonte econômico e político se manifesta no nosso campo, com o que o professor José Henrique Faria, ou apenas prof. Faria, como ele gosta de ser chamado, é o que distingue a teoria crítica (TC) de estudos críticos (EC) (Faria, 2009). O primeiro quer o fim do capital, enquanto o segundo entende que “*there is not alternative*”, o que o realismo capitalista (Fisher, 2020) é inevitável, e que, desse modo, o melhor a ser feito, é encontrar meios de suavizar as dores e excessos do nosso tempo.

Há muita gente competente entre os/as esquisitos/as do EO, na TC e também nos EC, que efetivamente buscam contribuir para a construção de um mundo mais humano – na melhor acepção da palavra. Dentre esses eu destacarei a relevância e proeminência do prof. Faria, por entender que se trata de um pensador que, em sua trajetória de atuação e produção teórica, tem mantido a coerência de sua práxis. Em outras palavras, este texto objetiva homenagear o professor José Henrique de Faria pela sua contribuição à Teoria Crítica na Administração, notadamente aos estudos organizacionais.

Esse texto é também um depoimento, pois eu já conhecia o pesquisador de longa data, ao estudar suas teorias em livros e artigos. Não estranhem que, no texto, às vezes aparecerá “nós” e às vezes aparecerá “eu”, a mudança da narradora pretende demarcar o que é comum ao grupo e o que é uma experiência singular. Nos três últimos anos eu tive a oportunidade de conviver com o indivíduo, período que me pôs a refletir sobre a importância de ser um marxista convicto ocupando os espaços de disputa enquanto convive e aprende com o diverso.

UM PENSADOR QUE É TAMBÉM UM FAZEDOR

Recentemente o prof. Faria publicou um manifesto de despedida do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná – PGADM, foram 30 anos de atividade encerrados devido a insatisfação sobre a lógica que rege as métricas acadêmicas, cada vez mais míopes e desmemoriadas, que priorizam os valores de troca aos valores de uso.

Apenas para ilustrar o volume de produção, demonstrando, portanto, que sua saída não se deve ao não-atendimento dos critérios, Faria (2020a, s/p) declara “publiquei mais de 70 artigos, 12 livros, 54 capítulos, mais de 70 trabalhos completos em Anais de Eventos. Orientei mais de 65 trabalhos de pós-graduação, sendo 12 de doutorado e

dois de pós-doutorado.” Mais relevante que os expressivos números é a contribuição qualitativa do prof. Faria e também do seu grupo de pesquisa, o Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais (EPPEO),

A criação do EPPEO, em 2001/2002, decorreu da convicção de que havia uma linha coerente de investigação desde 1978, ainda que não tivesse sido previamente planejada: relações de poder e mecanismos de controle na gestão do processo de trabalho nas unidades produtivas (Faria, 2014, p. 70).

Ou seja, foram três décadas atuando como pesquisador, sendo que duas décadas ao lado de grupo com pós-graduandos/as, mestres/as e doutores/as comprometidos como a produção de conhecimento em uma perspectiva crítica acerca das organizações e da gestão em seu movimento contraditório (Faria, 2014). Para ele, “a criação do EPPEO possibilitou a revisão, organização e sistematização desta trajetória de pesquisa [iniciada por Tragtenberg] e a proposição da Teoria da Economia Política do Poder” (Faria, 2014, p. 70).

Dentre as contribuições do EPPEO e do prof. Faria à Administração, saliento a Teoria da Economia Política do Poder (Faria, 2004), por ser um continente nos Estudos Organizacionais, uma teoria de referência que possibilita que outras vertentes se orientem por ela para se situar no campo seja para ampliá-la ou para se opor a ela, voltaremos para discuti-la. Há também a Epistemologia Crítica do Concreto (Faria, 2015), cujo livro está fase de finalização, segundo o autor, e que se apresenta como uma epistemologia de cariz marxista que possibilita a realização de estudos que envolvam organizações, gestão e controle. Ademais, o prof. Faria também é conhecido (não apenas na Administração, mas nas ciências sociais de um modo mais amplo), pelos conceitos do Sequestro da Subjetividade (Faria & Meneguetti, 2007); Tecnologia de Gestão (2002), dentre outros.

Essa exposição busca demonstrar a rica contribuição de uma teoria de um pensador que não tem medo de se apresentar como marxista, mantendo em seu lastro epistemológico a desnaturalização das relações capitalistas e o horizonte emancipatório como norteadores do fazer científico, ou seja, o método, por assim dizer, não prescinde da filosofia, ao revés, a aciona recorrentemente para sustentar seus caminhos em busca do real. Dessa maneira, diferente do que se possa vislumbrar e tomando a trajetória do EPPEO podemos sustentar que a Administração, enquanto um campo científico, tem se valido de ideias marxistas, ainda que haja quem se incomode, pois o problema não é incompatibilidade entre Administração e Crítica, a questão é **a crítica ao capital**.

É nesse ponto de tensão que surge e se desenvolve a Economia Política do Poder (EPP), que afirma, pois, que “se deve buscar no estudo das organizações são as relações internas e externas de poder, manifestadas em suas formas de controle e em sua ação mediadora de objetivos e desejos, e em sua inserção dinâmica e contraditória na sociedade globalizada” (Faria, 2007, p. 11).

Ou seja, a EPP se coloca nas empresas para entender como as relações de controle e opressão são (re)produzidas objetivamente e subjetivamente. A formulação teórica da Economia Política do Poder foi influenciada pela Teoria Crítica, como explica Faria (2007, p. 5) “a Teoria Crítica pretende denunciar a repressão e o controle social a partir da constatação de que uma sociedade sem exploração é a única alternativa para que se estabeleçam os fundamentos da justiça, da liberdade e da democracia”. Notadamente também há traços dos frankfurtianos da primeira e segunda geração, como Adorno, Horkheimer, Marcuse e Habermas, na tradição do marxismo ocidental, além de obras de Karl Marx, mas também autores de outras vertentes, como alguns psicanalistas e teóricos pós-estruturalistas. Mas Faria (2014) alerta: a EPP não coaduna como o dogmatismo e igualmente rechaça o relativismo. Seu anseio consiste em buscar a

totalidade, que “não se refere ao conhecimento total, completo e definitivo do objeto, mas à recusa à fragmentação”. (Faria, 2015, p. 20), declarando seu intento.

E aqui precisaremos ratificar esclarecimentos realizados pelo Prof. Faria em suas obras e que nestes tempos de agudização de crise estrutural do capital devem ser reforçados: a) a potência da crítica radical e b) o papel dos/as marxistas na produção de conhecimento acerca da administração.

A POTÊNCIA DA CRÍTICA RADICAL

Ao explicar o engendramento da EPP, Faria (2014, p. 90) denota que:

A teoria crítica que aqui se propõe constitui-se em uma teoria não apenas da economia (das relações de produção das condições materiais de existência), mas igualmente do poder (da ideologia, da alienação, da política, do ordenamento jurídico, enfim, da assim chamada superestrutura). É com este sentido que se desenvolve a Teoria da Economia Política do Poder.

Tal posição de enfrentamento, mas também de uma ambiciosa missão de conjugar duas grandes vertentes da Teoria Crítica, uma com enfoque mais objetivo “condições materiais de existência” e outra com maior atenção nos aspectos espirituais “ideologia, política, superestrutura”, culminou com uma formulação original, a teoria da EPP, que oferece (ainda que não tenha sido uma intenção declarada) uma solução para uma acusação corrente no final do século XX e que ocasionalmente aparece alhures, que o marxismo seria economicista.

Há diferentes caminhos para desfazer esse equívoco, como a produção tardia do filósofo húngaro Georgy Lukács, autor inclusive consultado pelo prof. Faria, assim como na obra de István Mészáros. Uma rota distinta foi tomada por Louis Althusser, que se dá início a uma tradição (pós)estruturalista, com grandes pensadores como Foucault,

Bourdieu, esses três últimos também examinados e citados na concepção da EPP. Vale ressaltar que embora Foucault e Bourdieu tenham pontos de convergência com o pensamento marxiano, tem também pontos irreconciliáveis, não devem, desse modo, ser tomados como autores marxistas, embora também sejam críticos do sistema capitalista. Assim, a EPP parte de Marx, avança e aprofunda sua investigação a partir da Teoria Crítica em suas vertentes mais marxistas ou mais freudianas ou mais estruturalistas e disponibiliza uma concepção teórica potente para o exame crítico das organizações.

A teoria da Economia Política do Poder, em seus desdobramentos, apresenta também uma epistemologia correspondente, a Epistemologia Crítica do Concreto, que pode ser sintetizada como

A ECC, em consequência, é o estudo científico e filosófico do conhecimento que tem por objeto o saber científico, técnico, cultural e filosófico de um conjunto autônomo e crítico de práticas (ações) e saberes conscientes baseados em instâncias integradas de mediação (objeto↔sujeito), quais sejam: 1. não dogmáticas ou absolutas, mas flexíveis e coletivas, em que todo o objeto do conhecimento pode ser matéria (princípio), instrumento (meio) e produto ou forma (fim); 2. sem conteúdos prévios, mas construídas por meio da sistematização das suas relações, do esclarecimento dos seus vínculos, da avaliação de seus resultados e suas aplicações; 3. não hierarquizadas, em que o objeto e o sujeito do conhecimento são mediados e mediadores, em que a alternância e a polivalência do objeto e do sujeito no que se refere à mediação são a regra e não a exceção; 4. baseadas no primado do concreto sobre o pensamento, com uma necessária integração dinâmica e contraditória entre ambos. (Faria, 2015, p. 19)

A ECC está em coerência com a Economia Política do Poder, e se oferece aos/às pesquisadoras como um procedimento metodológico que não se pretende prescritivo, mas como um processo sobre a ação do sujeito em sua relação com o objeto, com a

primazia deste último, em um procedimento que se dá em três momentos combinados: a aproximação precária do sujeito com o objeto; a aproximação valorizada do sujeito com o objeto e, por fim; a apropriação do objeto pelo sujeito (Faria, 2015).

Sabendo da impossibilidade de em um espaço tão exíguo transmitir com profundidade uma teoria, uma epistemologia e um procedimento metodológico, nossa intenção, de fato, é ressaltar a abrangência da formulação do prof. Faria, que oferece uma possibilidade original e crítica para realizar pesquisa na Administração, no campo dos estudos organizacionais, e que disponibiliza, como já foi dito, um continente (teoria, epistemologia e método).

Há outro esclarecimento que parece trivial, mas que pode se tornar um meio de afastar pesquisadores/as, que é a acepção da palavra radical, por vezes tomada como se fosse um insulto ou um predicado de alguém extremado. Marx (2013a) em uma obra escrita na juventude, ao criticar os idealistas alemães, advogava pela necessidade de ser radical, isto é, tomar as coisas pela raiz, o que nas questões sociais, é o próprio indivíduo. O prof. Faria, um marxista convicto, suprassume essa noção de radicalidade e a integra à Economia Política do Poder em toda sua virtude, ou seja, ser radical é tomar os problemas e fenômenos em busca de sua gênese, de sua raiz. Por isso a crítica é radical, pois não se satisfaz com as aparências e segue em busca do que não está no imediato.

O PAPEL DOS/AS MARXISTAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DA ADMINISTRAÇÃO

A divisão em dois tópicos (a e b) não foi estanque, mesmo porque os dois assuntos: potência da crítica e papel dos marxistas na Administração estão relacionados. A intenção de classificar foi didática, para dar mais ênfase à aspectos que julgamos

essenciais no que se refere à trajetória do nosso homenageado. Assim, falar da atuação no campo da administração é sustentar que é possível ser marxista na Administração.

A Economia Política do Poder tem contribuído com o “despertar das consciências” no campo da Administração, expandido as possibilidades no âmbito dos estudos organizacionais na medida em que oferece aos/às pesquisadores/as uma abordagem teórica, epistemológica e metodológica capaz de atuar sobre as questões acerca do mundo organizacional (gestão, controle, trabalho), porém em uma perspectiva crítica e anticapitalista.

Tal constatação é de grande monta, pois ao adentrar no campo da Administração usualmente é apresentado o quadrante sociológico de Burrell e Morgan como o “cardápio” para se escolher as ferramentas de investigação, ou seja, a distância da chegada é apresentada na partida. Ou ainda, pesquisadores/as irrequietos, insatisfeitos com as respostas óbvias e aparentes produzidas pela lógica do mercado, podem migrar para outras áreas, em busca de explicações e densidade. Portanto, ter na Administração uma formulação teórica que oferece uma possibilidade de investigar os fenômenos hodiernos do trabalho e do mundo corporativo sem precisar para isso sair do campo, sobretudo com a oportunidade de acessar uma riqueza reflexiva criada por grandes pensadores/as da modernidade e sintetizados na EPP, consiste na maior contribuição do conjunto da obra do prof. Faria e do EPPEO, isto é, fornecer uma teoria robusta de cariz crítica capaz de desocultar as contradições imediatas nas empresas na relação entre patrões e empregados.

Pensem no conceito de Tecnologia de Gestão (1993) que separada (abstratamente, é evidente) do desenvolvimento dos equipamentos, máquinas, matérias, etc. compõe a organização do controle do trabalho (grupos semiautônomos, gestão participativa, equipes integradas de trabalho), e assim como os recursos materiais, é também uma força produtiva, tal como demonstra Marx (2013b) no capítulo 1 de O Capital,

favorecendo a compreensão dos aspectos subjetivos do processo de trabalho. Assim como o conceito do Sequestro da Subjetividade (Faria & Meneguetti, 2007), que mesmo diante das limitações na inquirição das contradições ontogenéticas do capital (Ferraz, 2019), no plano do desvelamento imediato e quebra da pseudoconcreticidade (Faria, 2015), continua auxiliando do desmantelamento da lógica do mercado tal como se a natureza humana fosse “coisa dada”, egoísta e individualista.

Como é possível constatar, esse foi um campo aberto que tem recebido novos/as integrantes que seguem ampliando as reflexões e os objetos, que segue apresentando novas vertentes teóricas dentro do terreno da crítica radical. Obviamente há dentro da tradição marxista na Administração divergências interpretativas, táticas e mesmo filosóficas, como o debate entre Faria e Meneguetti (2007); Ferraz (2019) e Faria (2019), crítica como ato de amor, como eles declararam, pois, neste caso, o que estava em evidência não era sair vitorioso/a de uma disputa discursiva, buscava-se apreender o movimento contraditório do real. Dessa maneira, a tradição encampada pelo prof. Faria abre uma avenida para que possamos passar fazendo o que ele nos ensina: tencionar os limites do capital e buscando desnaturalizar o que é tido como consenso/óbvio/coisa dada.

Ademais, toda a estrutura teórica e metodologia cairia por terra se a prática de quem o escreve não correspondesse ao que professa. Para ressaltar tal aspecto da práxis de um marxista convicto, retomaremos o manifesto de saída do PGADM, quando o prof. Faria (2020a) explica:

Sem dúvida, os processos avaliativos das agências, com o aval dos programas de pós-graduação, foram se tornando cada vez mais atentos à valorização do produtivismo recente (em que o importante é quanto e onde se publica nos últimos 04 anos) do que à contribuição social e acadêmica histórica e inovadora. Estamos sucumbindo às métricas e fazendo da universidade pública uma fábrica de *publishers* competitivos no mercado de plataformas

privadas. É quase possível ver ao final dos quadriênios um desfile acadêmico de *publishers* no abre alas, com alguns *researchers* na ala intermediária e *professors* na ala dos fundos. (...) Esta é a realidade, que insistimos em ocultar, negar, subsumir. Nem o aqui e agora do existencialismo alcançou tanto êxito. Lamento, mas não posso, ao comunicar meu desligamento do PPGADM, deixar de reafirmar o que tenho sempre criticado. Discordo frontalmente dos critérios de avaliação, inclusive dos novos critérios que introduzem uma valorização da inserção social a partir de métricas sem correspondência material objetiva nas efetivas ações de inserção social e que não avaliam os reais impactos sociais. Ainda que não acredite que minha manifestação vá fazer ou produzir qualquer diferença, não posso deixar de fazê-la.

Além da argumentação, que certamente quem lê este texto agora tende a concordar, saliento a frase "Lamento, mas não posso, ao comunicar meu desligamento do PPGADM, deixar de reafirmar o que tenho sempre criticado (...) Ainda que não acredite que minha manifestação vá fazer ou produzir qualquer diferença, não posso deixar de fazê-la", ou seja, aqui a ação do indivíduo de "carne e osso" e o teórico não são polos opostos, tal como pressupõe a Teoria Crítica (Faria, 2007), teoria e prática são movimento dialético que entre objetividade e subjetividade.

Assim, o legado de um marxista convicto pode ser percebido nos textos que escreveu e nos/nas pesquisadores/as que ajudou a formar, e igualmente na sua prática, seja como reitor da UFPR, como gestor departamental e também como presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais. Não há prática radical sem teoria radical e vice-versa, é uma relação mútua cujo momento preponderante são as condições materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LEGADO DA CONVICÇÃO MARXISTA

É fundamental que o ensino e a pesquisa na Administração ofereçam caminhos que propiciem aos indivíduos uma educação transformadora capaz de perceber as contradições do vir-a-ser da classe trabalhadora que inclui entre suas frações,

administradores e administradoras (Cunha, 2016). Minha trajetória materializa uma dessas histórias de transformação, de Drucker à Marx, como costume gracejar, e certamente o prof. Faria tem uma enorme participação nesse processo. Como uma porta de entrada para a crítica radical em uma transição ao mesmo tempo surpreendente (como a luz forte do sol ao sair da caverna de Platão), mas também suave, pois começa ali onde estávamos: no mundo corporativo.

Registro publicamente meu agradecimento ao mestre com quem sigo aprendendo sobre como ser uma pesquisadora comprometida com um horizonte de mundo, mas que tem os pés firmes no presente. Aprendo com ele como fazer e também como receber críticas, aprendo com ele que as relações de trabalho podem também ser relações de afeto e que embora o valor de troca guie as ações humanas na sociabilidade capitalista, nós precisamos ser radicais e subverter a indiferença fazendo da relação com o/a outro/a uma extensão do nosso próprio ser.

E para finalizar, de posse de sua Barata Emocional, (Faria, 2020b, pp. 49-50), ratifico:

É preciso empenho para compreender o que não é visível. (...) Há movimento no ser, todavia. O fim do ser é também o início do vir-a-ser, que carrega em si mesmo a complexidade desconhecida que só como farsa se repetirá, exigindo superação das aparências. É exatamente aí que tudo está: o que foi, o que é e o que virá a ser.

Tal “reflexão sem compromisso” resume a força de motriz de um marxista convicto que nos inspira, pois quando fazem alusão a nós como ligados ao prof. Faria, afirmamos com orgulho, “sim, também sou uma marxista convicta”.

REFERÊNCIAS

Cunha, Elcemir P. (2016). Ensino da administração política e consciência de classe. *Revista Brasileira de Administração Política*, 9(2), 33-64.

Faria, José H. (2020a, 11 de dezembro). *Manifesto de despedida do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná – PGADM*. Recuperado em Disponível em 18, janeiro 2021 de: <https://www.facebook.com/groups/eppeo>.

Faria, José H. (2020b). *A barata emocional: reflexões sem compromisso*. Curitiba: Appris.

Faria, José H. (2015). Epistemologia crítica do concreto e momentos da pesquisa: uma proposição para os estudos organizacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(5), 15-40.

Faria, José H. (2014). Economia política do poder em estudos organizacionais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 65-112.

Faria, José H. (2009). Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(3), 509-515.

Faria, José H. (2007) (Org.). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais*. São Paulo: Atlas.

Faria, José H. (2004). *Economia política do poder: fundamentos (v. 1)*. Curitiba: Juruá.

Faria, José H. (1992). *Tecnologia e processo de trabalho*. Curitiba: UFPR.

Faria, José H. & Meneghetti, F. K. (2007). O sequestro da subjetividade. In: José H. Faria (Org.). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais* (pp. 45-67). São Paulo: Atlas.

Ferraz, Deise (2019). Sequestro da subjetividade: revisitar o conceito e apreender o real. *Revista Eletrônica de Administração*, 25(1), 238-268.

Ferraz, Janaynna M. & Ferraz, Deise L. S. (2018). O materialismo histórico e dialético: porque ser contra-hegemônico (pode) não é ser contra o capital. In Elcemir P. Cunha & Deise L. S. (Orgs.). *Crítica marxista da administração* (pp. 91-116). Rio de Janeiro: Rizoma.

Fisher, Mark (2020). *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia literária.

Marx, Karl (2013a). *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo.

Marx, Karl (2013b). *O capital: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.

JOSÉ HENRIQUE DE FARIA: UM MARXISTA CONVICTO NA ADMINISTRAÇÃO

Resumo

Este depoimento tem por objetivo ensejar reflexões acerca do conjunto da obra do professor José Henrique de Faria na oportunidade da edição comemorativa pela sua contribuição aos estudos organizacionais no Brasil, prestando-lhe homenagem pela sua original produção teórica crítica e, igualmente, sua atuação acadêmica coerente com a teoria que sustenta. O predicado “marxista convicto” atribuído ao Prof. Faria é uma exaltação ao afinco e sutileza com que o homenageado tem conseguido manter a radicalidade de suas formulações sem, contudo, se isolar das discussões e círculos outros, colaborando, assim, para uma tradição marxista na Administração: implacável na crítica, mas indulgente na convivência.

Palavras-chave

José Henrique de Faria. Marxismo. Estudos organizacionais.

JOSÉ HENRIQUE DE FARIA: UN MARXISTA DECIDIDO EN LA ADMINISTRACIÓN

Resumen

Este testimonio busca suscitar reflexiones sobre el conjunto de la obra del profesor José Henrique de Faria en la oportunidad de la edición conmemorativa por su aporte a los estudios organizacionales en Brasil, rindiéndole homenaje por su original producción teórica crítica y, igualmente, su coherente desempeño académico. con la teoría que apoya. El predicado "marxista convencido" atribuido al Prof. Faria es una exaltación de la dedicación y sutileza con la que el homenajeado ha logrado mantener la radicalidad de sus formulaciones sin, sin embargo, aislarse de las discusiones y otros círculos, colaborando así por una tradición marxista en la Administración: implacable en la crítica, pero indulgente en coexistencia.

Palabras clave

José Henrique de Faria. Marxismo. Estudios organizacionales.

JOSÉ HENRIQUE DE FARIA: A DETERMINED MARXIST IN THE ADMINISTRATION

Abstract

This testimony aims to give rise to reflections about the whole of the work of Professor José Henrique de Faria in the opportunity of the commemorative edition for his contribution to organizational studies in Brazil, paying homage to him for his original critical theoretical production and, equally, his coherent academic performance with the theory it supports. The “convinced Marxist” predicate attributed to Prof. Faria is an exaltation of the dedication and subtlety with which the honoree has managed to maintain the radicality of his formulations without, however, isolating himself from discussions and other circles, thus collaborating for a Marxist tradition in Administration: relentless in criticism, but indulgent in coexistence.

Keywords

José Henrique de Faria. Marxism. Organization studies.

CONTRIBUIÇÃO

Janaynna de Moura Ferraz

A autora declara que realizou todas as etapas associadas ao texto, sendo a única responsável pela sua redação.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

A autora declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Ferraz, Janaynna M. (2021). José Henrique de Faria: um marxista convicto na administração. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(22), 472-489.